

Ideias para debate

Vivência e redescoberta do Espírito na Igreja de Braga

O Espírito na Igreja de Braga

JOSÉ DA SILVA LIMA

O título deste debate é sugestivo. Sem o Espírito Santo não estaríamos aqui, nem esta Igreja arquidiocesana teria ultrapassado tantos séculos para nos ser dada a nós como realidade. Nunca será demais meditar este ponto de partida: somos precedidos. O Espírito Santo precede-nos e torna possível a trajetória de cada um na comunidade. Muitas vezes não temos palavras para dizer a Sua identidade; ela escapa à nossa frágil conceptualização. O Espírito *faz* em nós a Sua obra, a da Salvação, que não é diferente da de Cristo nem da do Pai ¹. É *operando* que Ele se diz.

1. O Espírito está na Igreja de Braga. Vive-Se nela e nela actua permanentemente, numa Igreja ao ritmo da renovação imposta pelo Concílio. O que seria esta Igreja sem a Sua presença? Impensável. Trata-se da realidade que nos congrega a todos, como a “alma” deste Corpo de Jesus Cristo que está em Braga. Ele é o “sopro”, o espaço vital, de uma comunidade em marcha.

É o Espírito que está no anúncio profético da fé que é retomado por todos nós em cada dia, como é Ele que anima a nossa celebração e nos instiga à cultura da caridade que vai cimentando o nosso tecido social. Se há vida eclesial, o

1. Cf. NEUSCH, Marcel – *Des conflits en Concile, l'élaboration d'une identité*. In *La Croix*, 21-22 Dez. 1997,6.

Espírito está operando, distribuindo os Seus dons e congregando numa mesma comunidade.

Em Braga, o Espírito Santo *está* mesmo sem nome: das 551 paróquias (em catorze arceprestados) apenas *uma* é dedicada ao Espírito Santo (Brufe, Terras de Bouro); o Anuário Católico ² não regista nenhuma capelania sob a Sua invocação das 128 que a Arquidiocese possui; nenhum centro de vida cristã, nenhum Instituto Secular, nenhuma associação de fiéis, nenhuma obra de apostolado. Entre os Institutos religiosos aparecem os Padres do Espírito Santo e as Missionárias do Espírito Santo e das inúmeras capelas apenas *uma* Lhe é dedicada: a do Espírito Santo de Nogueira. Das 1013 Confrarias e Irmandades oficiais apenas *quatro* são do Espírito Santo: Espírito Santo do Monte, em Nogueira, Braga; o Espírito Santo de Pedralva, Braga; o Espírito Santo de Gual, Barcelos e o Espírito Santo e Almas de S. Lourenço de Sande, Guimarães. Além disso, dos 531 sacerdotes incardinados, nenhum é “Espírito Santo”, nem nenhum “Santo”, apenas dez “Santos”. O nome não é muito usual, a julgar pela lista telefónica, que regista apenas três “Espírito Santo” nas redes de Braga e outros três nas redes de Famalicão (isto num total de cerca de 490 000 assinantes). É certo que o dinheiro está seguro, já que em quase todos os centros urbanos, ali está o “Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa” (perdoem a anotação).

Os números aqui não dizem nada. A realidade atravessa toda a comunidade: daquilo que nos é mais íntimo não se fala em demasia, já que nos é interior e nos constitui. Até Miguel Ângelo, ao pintar a Capela Sixtina, não encontrou outro sinal visível para expor o Espírito; não utilizou a pomba, nem o fogo, nem a água, nem a brisa do vento; representou-o, sim, no dedo da mão direita do pai, o dedo que dá a vida, aquele do qual brota toda a criação ³.

Na oração mais simples do tempo dos nossos avós, como na nossa, o Espírito está no fim, como no *Glória* com o qual terminamos tantos momentos de oração. Recordo uma oração do povo, ao deitar, antes do sono da noite. Rezava assim:

“Com Deus me deito
Com Deus me levanto
Com a Graça de Deus
e do Divino Espírito Santo
que me cubra com seu manto. (...)” ⁴

2. Cf. *ANUÁRIO Católico de Portugal 1995-1998*. Lisboa: Rei dos Livros, 1996, 129-185.

3. Cf. FISICHELLA, Rino – *La spiritualité est d'abord conscience d'un don à recevoir*. In *La Croix*, 21-22 Dez. 1997, 7.

4. ARAÚJO, José Rosa – *Serão*. Vol. II. Caminha: Camínia, 1988, 80.

Naturalmente, o manto é o de Deus com o qual o Espírito cobre o crente. E nas capelas devocionais aparecem outras orações de pedido de graças ao Espírito Santo, constituindo, é certo, uma espécie de religiosidade marginal, que não deixa de impressionar pela sua singeleza (revelando o lugar desta pessoa de Deus no coração do povo humilde).

2. Não é pela ausência de títulos e de invocações que o Espírito Santo não está presente ou que Se constitui “o parente pobre da doutrina e da piedade cristã”, como o apresentou o padre Yves Congar na sua grande obra *Je crois en l'Esprit-Saint* ⁵. Trata-se sobretudo da realidade de Deus menos susceptível de figuras, de concretizações, de desenhos antropomórficos.

O Concílio Vaticano II, depois de uma longa história de menos relevo, constitui o “momento do Espírito”, parecendo aos padres do Concílio que não poderiam reflectir sobre a Igreja senão no horizonte de uma Cristologia de dimensão pneumatológica, sendo o Espírito de amor do Pai quem facilita a compreensão da Palavra do Filho ⁶. Efectuou-se “a viragem”, tendo-se compreendido que seria difícil fazer teologia sem o dizer de Deus para os homens deste tempo. O estatuto diaconal da teologia aparecia assim vinculado à sua dimensão pneumatológica; se não queremos fazer do Concílio um “respondedor automático” é necessário hoje, a 30 anos, ser capazes de criar, no Espírito, dinamismos novos ⁷.

Segundo os cálculos dos especialistas, o Espírito é mencionado 258 vezes nos textos conciliares, fazendo-se uma autêntica teologia do Espírito Santo ⁸. Estamos perante um projecto de fé trinitária, ao qual hoje todos devemos converter-nos. A Salvação é pensada numa dinâmica trinitária, já que as três pessoas estão envolvidas na mesma obra, sendo o Espírito quem actualiza a possibilidade concreta da salvação para cada um.

3. O Espírito Santo não pertence exclusivamente a nenhuma paróquia ou, no dizer de João-Paulo II, “a paróquia do Espírito Santo tem a dimensão do mundo” ⁹. A Igreja local vive do Seu Sopro, da Sua presença, e é convidada de forma permanente a estar atenta aos sinais de ressurreição, já que estes dependem da nossa capacidade de deixar actuar o Espírito de Deus.

Refere R. Fisichella que o nosso testemunho face a situações de pobreza, de injustiça e de inquietude se torna o sinal da presença do Espírito no nosso mundo. Eis um primeiro sinal em sintonia com o pensar das propostas do 40.º Sínodo de

5. Paris: Cerf, 1979, 3 vols. A obra foi reeditada num volume recentemente: Paris, Ed. Cerf, 1995.

6. Cf. FISICHELLA, R. – *La spiritualité est d'abord conscience d'un don à recevoir*, 7.

7. Cf. CHENU, Bruno – *Au pays de la théologie*. Paris: Centurion, 1986, 125.

8. Cf. NEUSCH, M. – *Des conflits en Concile, l'élaboration d'une identité*. In *La Croix*: 21-22 Dez. 1997, 6.

9. Cf. NEUSCH, M. – *La théologie s'interroge sur les autres religions*. In *La Croix*, 21-22 Dez. 1997, 7.

Braga. Mas há outros que convém despertar em todos para que o Sínodo se cumpra, já que foi uma dádiva de Deus concedida a esta Igreja.

Nas páginas do *Livro do Sínodo*¹⁰, o Espírito está muito presente, sobretudo quando se reflecte a nível teológico para se fundamentarem opções pastorais; a expressão "Espírito Santo" aparece pelo menos 56 vezes ao longo das noventa páginas deste texto, o que reflecte uma tomada de consciência de todos quantos mais directamente se empenharam no Sínodo. Agora importa não esmorecer e continuar a descobrir os Seus sinais na Igreja de Braga. Ele está presente na missão evangelizadora da Igreja que desperta, propondo uma nova forma de evangelização, uma consagração à causa da missão e sementes novas em iniciativas e fundações de institutos seculares; está presente na descoberta do sacramento da Confirmação pelas comunidades, do lugar por Ele ocupado no processo de iniciação cristã e na lógica preparação e vivência que agora as comunidades vão compreendendo e vivendo; está na renovação da Liturgia e na oração da comunidade que vem sendo um movimento incessante das nossas Igrejas no pós-Concílio; está na viragem à "cultura da caridade" já assinalada em tantas estruturas paroquiais de apoio aos mais necessitados, protegendo as crianças, os idosos e os marginais e doentes; está em tantos leigos que procuram "formação permanente"; está em tantos compromissos em todas as paróquias...

Tantos sinais que hoje vão fazendo parte da vida das comunidades e que nos devem encorajar, sabendo que a "fortaleza" é Dom que diz a presença do Espírito prometido em nós.

4. O meu optimismo vai mais longe ainda quando penso que hoje, na quarta década do Concílio, o Espírito fez brotar tanta renovação e tantos movimentos ao serviço de alguma juventude para a Igreja: estão aí as "Fundações para o mundo novo", as "Bem-aventuranças", o "Pão da Vida", a comunidade "Betânia", o "Caminho Novo" (Chemin-Neuf), o "Emanuel", a Família de S. José, o "Poço de Jacob", e o "Alegra-te"... tantas comunidades de teor carismático, que sem o nome do Espírito e sem grandes panfletos, continuam a ser testemunhas da obra do Espírito Santo no fim do nosso século. Em França são mais de 37 as comunidades que nasceram no pós-Concílio sob a égide do Espírito Santo¹¹; entre nós vão fazendo o seu caminho, por vezes com alguma timidez. Tais comunidades constituem, talvez, o lugar do despertar para muitos adormecidos, ainda que por vezes sejam também espaços de alguma ambiguidade. De facto importa que a espiritualidade não seja *uma procura de si*, para se tornar sobretudo *uma abertura de si* na consciência de um Dom a receber¹². É certo que se trata de um problema da nossa era, marcada por uma procura de espiritualidade centrada sobre o homem, colocando-o no lugar de Deus. Importa dar-se conta que a vida espiritual

10. *Livro do Sinodo*. Braga: Diário do Minho, 1994-1997.

11. Cf. *La Croix*, 21-22 Dez. 1997, 9.

12. Cf. FISICHELLA, R. - *La spiritualité est d'abord conscience d'un don à recevoir*. In *La Croix*, 21-22 Dez. 1997, 7.

é viver no Espírito: descobrir-se amado, numa total gratuidade, para se tornar depois capaz de amar¹³. Sem cair no perigo de sobrevalorizar a emoção contra a razão, o carisma contra a instituição, o indivíduo contra a comunidade¹⁴, importa ter presente que “muito mais que um aspecto da nossa vida”, “a vida espiritual é a nossa vida inteira animada pelo Espírito”¹⁵.

Só conheço um provérbio português com a menção do Espírito Santo. Diz-se “Espírito Santo de Orelha”. Oxalá nos acordemos para Ele mutuamente.

O Espírito Santo: um «presente» desconhecido?

JOSÉ CORREIA VILAR

Olhando o panorama actual da presença (ou ausência) do Espírito Santo na vida concreta das comunidades cristãs, parece-nos que poderíamos equacionar, na Igreja de Braga, três questões fundamentais:

- 1) Os carismas na Igreja, isto é, a relação das comunidades (paróquia/diocese) com as associações/movimentos...
- 2) A presença do «Espírito» nas celebrações litúrgicas.
- 3) O Sínodo e a renovação da Confirmação e das Visitas Pastorais...

1. Os carismas na Igreja

O Espírito Santo, presente nos crentes, enriquece-os de dons diversos — carismas — que, quando se tornam permanentes e reconhecidos pela Igreja, são os ministérios.

Sendo assim, toda a Igreja é carismática, toda ministerial, e consoante as necessidades, deverão existir tantos serviços quantos se configurarem úteis. Igreja «toda ministerial» quer dizer que todos recebem dons do Espírito em função da unidade comum e são convidados a utilizá-los colocando-os ao serviço de todos (ministérios).

13. Cf. *Ibidem*.

14. Cf. *Ibidem*.

15. Cf. ETCHEGARAY – Int. ao *Tertio Millenio Adveniente*, ed. Romana: *La Croix*, 22.12.97, 3.

O ministério ordenado é chamado a servir a comunhão em qualquer lugar onde ela se realize (paróquia, diocese...), sendo o presbítero chamado a garantir uma ligação activa entre a pastoral do bispo, os serviços diocesanos e toda a comunidade.

Há, igualmente, «formas comunitárias de ministerialidade», nas quais poderíamos enquadrar os movimentos e associações que, para se realizarem a si mesmos, deverão realizar as condições próprias de cada ministério:

A) Em primeiro lugar, o **carisma**: associação, movimento, comunidade religiosa, deve saber discernir o próprio carisma na Igreja.

Certas crises de identidade nascem no momento em que se perde de vista o dom que Cristo ofereceu naquela forma concreta de serviço àquela comunidade concreta, num tempo concreto. Ora, um dom não é eterno e, por isso, talvez certas formas de serviço também não devam ser eternas...: para a eternidade existe apenas o Reino de Deus... Assim, certas estruturas de ministerialidade são chamadas a servir apenas enquanto e na medida em que servem o Reino de Deus, enquanto contribuem para o crescimento de todos, já que o carisma é para utilidade comum. A preocupação não deve ser, pois, que cresçamos «nós» (associação, movimento, comunidade religiosa...), mas que cresça o Reino de Deus.

B) A segunda condição é que o carisma seja colocado ao serviço da comunidade.

A comunhão efectiva-se sobretudo na Igreja local. Logo, qualquer associação, movimento, ou comunidade religiosa que não viva vitalmente a sua inserção e o seu serviço à Igreja local, arrisca-se a viver na infidelidade ao Espírito Santo e a não realizar a natureza do carisma (= utilidade comum).

As comunidades paroquiais e diocesanas devem saber aceitar e receber a ministerialidade própria de movimentos e associações, mas estes, por sua vez, deverão colocar ao serviço o seu dom específico.

Esta aceitação recíproca enriquecerá as comunidades (paroquiais, diocesanas) de uma ministerialidade frequentemente mais vasta que os seus próprios limites, colocando à sua disposição formas missionárias que seriam inatingíveis doutra forma e enriquecerá as associações/movimentos dum «magistério vivido» que a experiência concreta da comunidade paroquial oferece pela sua heterogeneidade.

Poderíamos resumir, assim, a relação entre paróquia/diocese e movimentos numa tríplice direcção:

- a) total inserção na pastoral da Igreja local;
- b) discernimento e recepção do contributo original da associação/movimento por parte da comunidade paroquial/diocesana;
- c) serviço à paróquia/diocese e à sua tensão missionária da parte das formas comunitárias de ministerialidade eclesial.

Concluo com Mounier: «O cristianismo rejeita a mística do pequeno e do vizinho», isto é, somos Igreja e nunca nos tornamos integristas no sentido do fechamento e do medo em relação à riqueza dos dons que nos vêm de todas as partes.

O cardeal Biffi recordava a utilidade de associações e movimentos e sugeria-lhes que não caíssem na tentação de «serem solistas», mas de «cantarem em coro»... Afinal, todos temos necessidade de todos e a viva paixão por toda a Igreja ao serviço do Reino deve pautar a fidelidade à vocação e à identidade de toda e qualquer associação/movimento/grupo...

2) A presença do «Espírito» nas celebrações litúrgicas

Se repassarmos o Missal Romano, utilizando a II Oração Eucarística, verificamos que é muitas vezes invocado o Espírito Santo:

Em nome... e do **Espírito Santo**...

A graça... e a comunhão do **Espírito Santo**...

[Glória] .. com o **Espírito Santo** na glória de Deus Pai. Amen.

No final de todas as orações [colecta, conclusão da oração dos fiéis, oblatas...]

[Credo] ... E incarnou pelo **Espírito Santo**...

Creio no **Espírito Santo**...

[Oração Euc. II]: ... fez-se homem pelo poder do **Espírito Santo**.

Santificai estes dons derramando sobre eles o vosso **Espírito**...

... Humildemente vos suplicamos... sejamos reunidos, pelo **Espírito Santo**, num só corpo.

Por Cristo... na unidade do **Espírito Santo**...

Dai-lhe a união e a paz, segundo a vossa vontade... Vós que sois Deus com o Pai na unidade do **Espírito Santo**.

[em silêncio]: Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus vivo... com o poder do **Espírito Santo**...

Abençoe-vos Deus todo-poderoso Pai, Filho e **Espírito Santo**.

Em 61 Prefácios, aparece em 10:

Pelo poder do vosso **Espírito**, estabelecestes para a Igreja, santa e também pecadora, uma tábua de salvação depois do Baptismo e continuamente a renovais para a reunir no banquete do vosso amor [Quaresma VI].

Pelo sangue do vosso Filho e pela força do **Espírito** quisestes reconduzir à unidade do vosso povo

os filhos dispersos pelo pecado,
para que a Igreja,
reunida à imagem da santíssima Trindade,
apareça no mundo
como corpo de Cristo e templo do **Espírito Santo** [Tempo Comum VIII]

... com o poder do **Espírito Santo** conduzis a vossa Igreja [Tempo C. IX]

Pelo poder do **Espírito Santo**

Ela concebeu o vosso Filho Unigénito [Nossa Senhora I]

Enquanto esperava, com os Apóstolos a vinda do **Espírito Santo** [Nossa Senhora III]

... perseverou com os Apóstolos em oração,
esperando a vinda do **Espírito Santo** [Nossa Senhora IV]

Por este dom admirável

toda a criação, pelo poder do **Espírito Santo**,
volta de novo ao caminho original para a Páscoa eterna [Nossa Senhora V]

... concebido pelo poder do **Espírito Santo** [S. José]

fez-se homem pelo poder do **Espírito Santo** [Comum VI]

... e destes ao mundo o vosso **Espírito**
para fazer de toda as nações um só povo [Comum VII]

3) O Sínodo e a renovação da Confirmação e das Visitas Pastorais...

No ponto 2.3.2.2. Formação cristã de adultos, na alínea e) a Assembleia sinodal propõe:

«Que as visitas pastorais sejam vistas como momentos fortes de evangelização (antes, durante e depois), o que implica que quem as faz lhes dê o tempo necessário».

Mais adiante, no ponto 3.1.2.1. A iniciação cristã, referindo-se à participação plena, diz:

«Tal participação plena só é possível, contudo, por dom do Espírito e na medida em que é assumida de forma madura e responsável por cada cristão. Desse modo, é necessário que a iniciação cristã se complete no pleno acolhimento do dom do Espírito — pela 'imposição das mãos' e pela 'unção' ou crisma (cf Heb 6, 2; 2 Cor 1, 21s) e no acto de profissão responsável e livre da fé cristã (Confirmação)».

No ponto 3.2.2.1. na alínea c). A Confirmação, ao analisar a realidade que somos, conclui que:

«c) está bastante generalizada a ideia de que o bispo visita as paróquias para 'administrar' o Crisma. Parece sentir-se uma exigência de rever a ligação entre a visita pastoral e a celebração do sacramento, a fim de ser possível uma leitura mais clara e correcta de ambos»,

para propor no ponto 3.3.3. alíneas g) e h):

«g) Que a preparação para o Sacramento da Confirmação, assim como a idade da sua celebração, sejam adequadas às suas características, enquanto Sacramento da idade adulta e ponto de chegada do processo de Iniciação cristã.

h) Que seja revista a visita pastoral do Bispo às comunidades, quer quanto aos objectivos que se pretendem alcançar, quer quanto ao modo como é feita, evitando a identificação total da mesma com a celebração do sacramento da Confirmação».

Partindo, igualmente, de um mini-inquérito realizado em que se obtiveram 30 respostas, é possível detectar um pouco da mentalidade presente, acerca do Sacramento do Crisma: ignorância ou deficiente entendimento, cuja necessidade também não é claramente assumida.

Deixamos, a concluir, ligeiras sugestões no sentido da valorização do Sacramento da Confirmação, momento fulcral da presença viva e vivificante do Espírito nas nossas comunidades:

- maior exigência a pais, padrinhos e nubentes;
- distribuir livros e pagelas sobre o sacramento;
- catequese de adolescentes/retiros/tríduos/reuniões periódicas;
- sacramento mais divulgado e acessível;
- grupos de jovens a preparar o sacramento;
- VISITAS PASTORAIS:
 - mais frequentes;
 - bem preparadas...
 - dar preferência à catequese mais do que à festa exterior...
 - preparação da celebração do sacramento;
 - reuniões com os pais para preparar o sacramento da Confirmação.

Para além da preparação, após a celebração do Sacramento do Crisma, está a comunidade cristã a criar espaços de integração para os novos «adultos na fé»? (grupos de reflexão, liturgia, catequese, juventude, sócio-caritativos, movimentos, etc...).

Redescobrir o Espírito na Igreja de Braga*

ELIAS COUTO

1. Um discurso sobre Deus?

A missão eclesial de anunciar o Deus de Jesus Cristo encontra-se, hoje, condicionada por múltiplos factores, de entre os quais saliento aquele que me parece de relevância particular para o tema desta mesa redonda e que diz respeito à pergunta pelo *sentido* dos discursos em que Deus aparece como tema: *Como falar, hoje, de Deus, com sentido?* Dito de um modo mais simples: o nosso discurso intra-eclesial tem um sentido para nós e não é difícil entendermo-nos sobre a maior parte dos conceitos em jogo. Mas terá esse discurso algum significado para aqueles que se encontram fora da Igreja, à margem dela ou em oposição a ela?

A teologia, em particular a teologia produzida em meios católicos, tem, muitas vezes, a tentação — à qual nem sempre consegue escapar — de falar sobre Deus, de afirmar coisas sobre Ele. Teologia positivista, muitas vezes, mesmo quando recusa o positivismo totalitário das ciências.

Sem dúvida, anunciar o Deus de Jesus Cristo é, para nós, uma questão vital — “ai de mim, se não anunciar o Evangelho!” (1Cor 9, 16). Mas entre anunciar o Evangelho e apoderar-se dele, reduzindo-o a tema dos nossos discursos, vai uma distância considerável — distância que nem sempre sabemos respeitar.

Esta atitude crítica relativamente aos nossos discursos sobre Deus é absolutamente vital ainda por um outro motivo. Num tempo em que se proclama e assiste àquilo a que muitos já chamam o “regresso do religioso”, só uma crítica filosófica e teologicamente fundamentada ao “discurso religioso” poderá ajudar o crente a evitar as armadilhas do fideísmo e do fundamentalismo religioso — quer um quer outro, inimigos mortais da fé, porque inimigos mortais do homem.

2. Falar do Espírito Santo, hoje

A importância da crítica a que acabo de fazer referência é evidente no contexto da nossa mesa redonda. Não é possível falar do Espírito Santo sem,

* Estas páginas não teriam sido escritas sem: LÉVINAS, Emmanuel — *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence*. Paris: Éd. Kluwer Academic / Le Livre de Poche, 1995; *Éthique et infini*. Paris: Éd. Librairie Arthème Fayard, 1982. VARILLON, François — *Joie de croire, joie de vivre*. Paris: Éditions du Centurion, 1981; *La souffrance de Dieu*. Paris: Éditions du Centurion, s.d.

antes, repensarmos o modo como falamos de Deus — o que, no nosso caso, significa repensar seriamente o nosso anúncio da Trindade. Se este não for significativo, se não disser nada às pessoas, será o próprio cristianismo a deixar de ser significativo, porque “o essencial do essencial do cristianismo” (utilizando uma expressão do Padre François Varillon) é exactamente o anúncio de Deus-Amor, que coincide com o anúncio de Deus-Trindade.

Falar do Espírito Santo, hoje? Sem dúvida, se o nosso discurso tiver lugar no horizonte da Trindade, recusando a tentação tradicional de iludir o mistério, não falando dele. Não se trata de negar o mistério nem de pretender reduzi-lo à razão. Trata-se de recusar o fideísmo, a fé sem a razão.

E no horizonte da Trindade, falar do Espírito Santo será, no concreto, falar da nossa pobreza radical como seres humanos chamados a viver da vida de Deus — porque o Espírito encontra-Se na pobreza que somos e que apenas podemos vislumbrar descendo ao mais profundo de nós mesmos.

3. Redescobrir o Espírito Santo é redescobrir o próximo

O Espírito não é para Si mesmo — é difusivo, porque é amor. O Espírito é a Trindade que Se dá plenamente. Daí que a Tradição eclesial sempre tenha associado ao Espírito os dons divinos: o Espírito é fonte de dons, daqueles dons que apenas podem ter origem na bondade amorosa de Deus.

Por isso, o sentido da busca da nossa interioridade é fazer-nos sair de nós, depormo-nos do nosso “eu”. Antes de aprendermos a dizer “Abba, Pai!”, teremos que aprender a dizer o nome de cada próximo. Dito de outro modo: não é possível ir até ao fundo da nossa pobreza para nos enchermos da riqueza de Deus e ficarmos assim, felizes, no quentinho do nosso eu. A este propósito, os grandes místicos são os grandes mestres: quanto mais próximos de Deus, mais entregues ao serviço do próximo.

Não é possível analisar agora todas as questões implicadas nas afirmações anteriores. Mas só no seu contexto ganha significado a dimensão ética desta reflexão: *redescobrir o Espírito Santo, hoje*, significa viver sujeitos à ética e, portanto, sujeitos ao próximo, aquele que tem o direito de me exigir uma declaração de presença, ao estilo dos profetas respondendo ao apelo de Deus: “Eis-me aqui; enviai-me!” (Is 6, 8).

Dito em linguagem mais simples: a justiça é o dom do Espírito que se nos exige no momento presente. É dom porque não é fruto nosso, habitados como somos pelo egoísmo que se compraz no próprio eu e nos direitos que nos arrogamos. Mas é dom que se nos exige, porque se o recebemos não poderemos deixar de prestar contas. A justiça é dom do Espírito e exigência do próximo, exigência sem desculpa, à qual não nos é permitido fugir. (A propósito, leia-se a Mensagem de João Paulo II para o Dia Mundial da Paz deste ano...).

A justiça ou respeito pelo outro traduz-se no querer que o outro seja ele mesmo. Mas a justiça é, apenas, uma das faces da ética. A outra é o amor. Querer que o meu próximo seja (justiça) implica desprender-se de si, para dar espaço à afirmação do outro (amor): só se pode amar com actos, e o único discurso capaz

de dizer o amor é o discurso dos actos. Pouco importa praticar a justiça, se esta for entendida como o simples cumprimento da lei. A justiça concretiza-se no respeito pelo outro e o amor traduz-se no despojamento de si para que o outro seja — a ética como fruto da humildade.

E a caridade? A caridade é precisamente a justiça e o amor vividos no dia-a-dia. A caridade diz: quero que tu vivas da mesma vida que eu — não a mesma vida que eu, mas da mesma vida, isto é, da mesma plenitude.

É isso que nos é pedido, a nós que levamos o título de cristãos: que descubramos a nossa realização enquanto seres livres na doação, na renúncia a procurarmos-nos a nós próprios, na deposição de nós face ao nosso próximo — para que o outro seja, não para que nós sejamos mais por meio dele. Não se trata de acrescentar a nossa liberdade à custa do outro, trata-se de nos retirarmos para que o outro seja. Claro, isto começa no dia-a-dia, na casa de cada um, e não termina nunca.

4. Resdecobrir, para viver, o Espírito, hoje, em Braga

Como concretizar isto na Igreja que está em Braga? Eis uma pergunta para a qual não tenho resposta. O que posso dizer é o seguinte: A nossa Igreja diocesana acaba de viver uma experiência revigorante e, em muitos aspectos, original. Refiro-me ao quadragésimo sínodo diocesano. Desta experiência resultaram deliberações concretas, bem como propostas tendo em vista um novo modo de ser Igreja. Tratou-se, como salienta o *Livro do Sínodo*, de um esforço comunitário por escutar o que o Espírito diz à Igreja que está em Braga, hoje, tendo em vista o futuro imediato. Este esforço envolveu um grande número de pessoas e comunidades, foi motivo para iniciativas diversas e, fundamentalmente, introduziu a nossa Igreja diocesana em hábitos de maior participação e corresponsabilidade eclesial. Cito: "O fundamental foi ter-se aprendido, ao longo destes anos, que a Igreja é por natureza sinodal, povo em marcha e à procura de Deus-Verdade e da Verdade de Deus" (*Livro do Sínodo*, p. 77).

Mas importa perguntar. Que impacto teve e poderá ter o Sínodo na vida da diocese? Não será que redescobrir o Espírito, hoje, na Igreja que está em Braga, passa precisamente pela valorização do Sínodo como dom do Espírito à nossa Igreja diocesana e como exigência de compromisso com a vida da mesma Igreja? Não passará a vivência do Espírito pelo acolhimento do Sínodo, fundamentalmente naquilo que ele tem de inovador, isto é, no facto de ter despertado a nossa diocese para a dimensão sinodal da Igreja?

E se assim é, há que valorizar, antes de mais, aquilo que o Sínodo, no seu documento final, salienta como mais importante: um novo estilo de ser Igreja, mais preocupada com a evangelização, uma maior responsabilidade de todos na vida da comunidade eclesial, uma exigência de respeito pelo outro na sua diferença, a atenção às questões da justiça, também e particularmente da justiça social, uma capacidade cada vez maior de escuta e partilha, mesmo ao nível da tomada de decisões...

Com o Sínodo, ficou claro que há um desejo evidente de maior participação e compromisso por parte de todos, e de um modo particular, por parte de muitos leigos. Trata-se de um desejo que vem ao encontro daquela exigência cada vez maior — quer na sociedade quer na Igreja — de participação por parte de todos naquilo que a todos diz respeito. E como tal, trata-se de um desejo que não pode ser ignorado em nome de nenhuma dimensão hierárquica fundacional da Igreja. Esta dimensão hierárquica fica mais posta em causa quando, em nome do exercício da legítima autoridade, anula ou procura anular a legítima diversidade e impede ou procura impedir a legítima participação, quer na discussão, quer na tomada de decisões...

Redescobrir o Espírito, para O viver, na Igreja que está em Braga, hoje, é, portanto, redescobrir a própria comunidade eclesial, nas suas virtudes e nos seus defeitos, e assumir claramente a pertença a esta comunidade. Não assumir esta pertença é ignorar o próprio Espírito. Mas assumir esta pertença implica assumir as consequências, em primeiro lugar, no interior da mesma Igreja, e, como consequência, na sua relação com a sociedade em que está inserida.

Concluindo

Ignorar a necessidade de repensar e dizer em formas novas o nosso anúncio do Deus de Jesus Cristo, é renegar o sentido da encarnação do mesmo Deus — princípio da história que nos trouxe aqui.

Assumir esta exigência implica ter a coragem de voltar a falar da Trindade, acolhendo o mistério naquilo que dizemos, sem pretensão de esgotar a fonte do nosso dizer, mas também sem renunciar ao que pode e deve ser dito — isto é, sem renunciar à razão.

Fazê-lo é tarefa humana e, mais ainda, é voltar-se para o humano. Redescobrir a Trindade, hoje, é acolher as mulheres e os homens concretos, na sua dignidade e na justiça que lhes é devida.

E, neste contexto, será possível falar de uma redescoberta do Espírito criador e renovador de todas as coisas e viver esta redescoberta no dia-a-dia. Porque, na Trindade, o Espírito Santo é, antes de mais, Deus que Se faz presença exigente em cada próximo: exigência de justiça e, portanto, exigência ética.

Fora desta dimensão claramente antropológica, um discurso sobre Deus e, mais ainda, um discurso sobre a Trindade, será sempre um discurso que ilude o fundamental: Deus fez-Se homem para que o homem se fizesse Deus. E por isso é que o homem — a começar por aquele que se reconhece como membro da comunidade *Ecclesia* — é o único verdadeiro caminho da Igreja.

Braga, 26 de Janeiro de 1998